



RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Aparecida de Sousa SANTOS¹

RESUMO

Com a finalidade de contribuir para a construção de uma parceria e de uma relação de cooperação entre as instituições família e escola, o presente artigo tem como propósito compreender a influência da relação família/escola, sob o ponto de vista das professoras no envolvimento e nos aspectos da vida escolar da criança. Para compreender como ocorre a relação família-escola, Vigostsky nos deu uma importante contribuição no que tange a educação e o processo de mediação. Wallon também contribuiu com seus estudos, referente aos sentimentos e emoções como mediadores no ensino aprendizagem. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, na qual a escola possa criar espaços de reflexões e experiências de vida em uma comunidade, estabelecendo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições sociais.

Palavras-chave: Contexto Escolar. Família. Aprendizagem.

ABSTRACT

In order to contribute to building a partnership and a cooperative relationship between the family and school institutions, this study aims to analyze the influence of family relationship/school, from the point of view of the teacher's involvement and aspects of school life and in children's learning. To understand how does the family-school relationship, Vigostsky gave us an important contribution when it comes to education and the mediation process and Wallon also contributed with his studies, referring to feelings and emotions as mediators in teaching and learning. The purpose is that this partnership be built through a planned and conscious intervention, in which the school can create spaces for reflection and life experiences in an educational community, setting up all the rapprochement between the two social institutions.

Keywords: School. Family. Learning.

1 INTRODUÇÃO

A interação família-escola tem sido o objetivo de inúmeros estudos e enfatizada, como uma das metas para a educação. Pesquisas e estudos recentes têm sido

¹ Graduada em Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia clínica e institucional. Professora da Fundação UFMS, campus de Aquidauana. E-MAIL: aparecidapolini@hotmail.com



desenvolvidos nessa direção, mostrando as vantagens dessa parceria para a escola e para a família. Porém, antes da entrada da criança para a escola, a família se coloca como a principal mediadora das aprendizagens infantis e é na família que a criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem. Essa relação de cooperação entre as instituições família e escola, implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas na troca de ideias ou favores. O propósito é que essa parceria se construa através de uma intervenção planejada e consciente, em que a escola possa criar espaços de reflexão e experiências de vida numa comunidade educativa, estabelecendo acima de tudo a aproximação entre as duas instituições.

Esse artigo pretende oferecer aos educadores informações e reflexões, principalmente sobre a importância da interação família e escola no processo ensino-aprendizagem. Mostra também a necessidade de estimular e promover a interação escola e família para o benefício do desempenho escolar e da aprendizagem no processo de escolarização da criança.

2 FAMÍLIA: ASPECTOS RELEVANTES

O tema família tem sido abordado sob diferentes enfoques e definições, e suscitadas muitas discussões em torno de seu referencial teórico e métodos de análise. Todos concordam, porém, com ênfases diferentes, na ideia da família como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade submetida às condições econômicas, sociais, culturais e demográficas, mas que também tem por sua vez, a capacidade de influir na sociedade. As famílias têm sido consideradas como as primeiras agências socializadoras da criança, cabendo-lhes estabelecer condições favoráveis de um “bom” desenvolvimento. Se para a maior parte de nossos contemporâneos, socializar a criança é a tarefa primordial da família, isso nem sempre foi verdade, não se aplicou a todos os períodos históricos nem a todas as sociedades e menos ainda a todas as camadas sociais. (ARIÉS, 1981 cit. por GOMES, 1994) Hodiernamente, dada à frequência precoce das crianças em instituições como berçários, creches e pré-escola, esse papel de socialização antes restrito à família, hoje exige novos estudos e reflexões.

A escola, pôr sua vez, tem tido como função responsabilizar-se pelo percurso escolar dos indivíduos, propiciando a aprendizagem de conhecimentos sistematizados



construídos pela humanidade e valorizados em um dado período histórico. A aprendizagem dos conteúdos escolares de diferentes naturezas: conteúdos conceituais, atitudes mais, procedimentais deveriam se concretizar durante a permanência dos alunos na escola, independente do contexto social e familiar ao qual pertençam. Antes de iniciar a reflexão sobre a relação família-escola, cabe uma breve fundamentação no que tange à família, sua história, suas configurações, as funções e papéis desempenhados na sociedade e principalmente o que se compreende por esta instituição no contexto desse trabalho. Tais aspectos serão abordados a seguir.

2.1 Conceitos de família

Compreende-se por família como um núcleo ímpar, criador de uma cultura própria e com leis, regras, mitos, ritos e crenças peculiares. “Cada pessoa que compõe uma família, além de compartilhar desses mesmos ideais e comportamentos, tem suas próprias emoções e suas diferentes significações do cotidiano doméstico” (PAROLIN, 2005, p.37).

A família representa um grupo social primário e é influenciada por outras pessoas e instituições. Entende-se a família como um conjunto, ou um número de grupos domésticos ligados por descendência a partir de um antepassado, casamento ou adoção. A família é a união de múltiplos laços e também o grupo social uno, composto por um grupo de indivíduos, cada um com um papel atribuído, e embora diferenciado, consubstancia² o funcionamento do sistema como um todo. O conceito de família, ao ser estudado, automaticamente nos faz lembrar, os conceitos de papéis e funções. Em qualquer tipo de família, independentemente da sociedade e cultura, cada membro ocupa determinada posição ou tem determinada regra e estatuto, como por exemplo, marido, mulher, filho ou irmão, sendo orientado pelo interjogo de papéis que não são mais do que, as expectativas de comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social.

2.1 Funções de família

De acordo com estudos realizados podemos dizer que as famílias podem se constituir como agregações sociais, ao longo dos tempos, assumem ou renunciam funções

² Consubstanciar; unir; juntar dois ou mais corpos para formar uma só substância; unificar.



de proteção e socialização dos seus membros, como resposta às necessidades da sociedade pertencente. Nesta perspectiva o autor Minuchin (1990 ,p. 75) ressalta “ [...] que as funções da família regem-se por dois objetivos, sendo um de nível interno, como a proteção psicossocial dos membros, e outro de nível externo, como a acomodação a uma cultura e sua transmissão”. A família deve então, responder às mudanças externas sem, no entanto, perder a continuidade, proporcionando sempre um esquema de referência para os membros. Duvall e Miller (1997, cit. por STANHOPE, 1999) identificaram como funções familiares:

[...] geradora de afeto”; “proporcionadora de segurança e aceitação pessoal, promovendo um desenvolvimento pessoal natural; proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade, através das atividades que satisfazem os membros da família; asseguradora da continuidade das relações, proporcionando relações duradouras entre os familiares; proporcionadora de estabilidade e socialização, assegurando a continuidade da cultura da sociedade correspondente; impositora da autoridade e do sentimento do que é correto, relacionando com a aprendizagem das regras e normas direitas e obrigações características das sociedades humanas. (p. 83)

Concernente à criança, a necessidade essencial da mesma, remete-se para a figura materna, que a ensina, alimenta e protege, assim como cria um apego individual seguro, contribuindo para um bom desenvolvimento da família e conseqüentemente para um bom desenvolvimento da criança. Dessa forma a família então, é para a criança, um grupo significativo de pessoas, de apoio, como os pais, os tutores, os irmãos, entre outros. Pinheiro (1999, cit. por STANHOPE, 1999) contribui dizendo que, a criança assume um lugar de destaque na unidade familiar, onde se sente segura. No processo de socialização a família assume, igualmente, um papel muito importante, já que é ela que modela e programa o comportamento e o sentido de identidade da criança. Portanto, a família precisa exercer seu papel corretamente, para continuar promovendo o desenvolvimento e o crescimento dos membros que a compõe. Para entendermos as mudanças que a família enfrentou ao longo do tempo, necessita-se observar alguns conceitos considerados históricos que nos remeterão a uma compreensão mais aguçada.

2.3 Conceitos históricos da família

De acordo com Silveira (2003) termo família, derivado do latim “famulus”, que significa escravo ou servo doméstico, este termo foi criado na Roma Antiga que designava



inicialmente o conjunto de escravos que viviam numa mesma casa. Era um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas à agricultura e também para a escravidão legalizada. Conforme Pinheiro (1999, cit. por STANHOPE, 1999) nesta época predominava uma estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe, nos tempos medievais (Idade Média), as pessoas começaram a estar ligadas por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. Dessas novas famílias fazia também parte a descendência gerada que, assim, tinha duas famílias, a paterna e a materna. Com a Revolução Francesa surgiram os casamentos laicos no Ocidente e, com a Revolução Industrial, tornaram-se freqüentes os movimentos migratórios para cidades maiores, construídas em redor dos complexos industriais. Estas mudanças demográficas originaram o estreitamento dos laços familiares e as pequenas famílias, num cenário similar ao que existe hoje em dia. As mulheres saem de casa, integrando a população ativa, e a educação dos filhos é partilhada com as escolas.

Portanto verifica-se que a família vem se transformando através dos tempos, acompanhando as mudanças religiosas, econômicas e sócio-culturais do contexto em que se encontram inseridas. O processo de urbanização e industrialização da sociedade no século XX, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado, e com isto, ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido. Devido a esses processos que enfraqueceram os laços familiares a partir das ultimas décadas do século XIX, identificou-se um novo modelo de família. Em nosso país, por exemplo, Sarti (1997), contribuiu dizendo que a família além de passar a ser menos numerosa, constituída de pai, mãe e filhos - com uma base biológica comum -, deixou de ser o modelo socialmente aceito como padrão, convivendo ao lado de configurações familiares cuja base é estritamente social ou econômica, especialmente nas camadas mais desfavorecidas da população.

Observa-se, em diferentes contextos, que a frequência das crianças com pouca idade a outros ambientes socializadores, como creches e escolas de educação infantil, não é incomum, o que acarreta sua permanência mais tempo fora de casa do que convivendo com os membros de sua família. O papel socializador da família passa a ser mais difuso e a responsabilidade da educação dos filhos mais dividida, principalmente com a escola e com a família, ampliada pelos laços de parentesco - avós, tios, irmãos, pôr exemplo - e de vizinhança (SARTI, 1997, p. 58).



Como resultado dessas mudanças, nos dias atuais a escola, além de ter a função de ensinar o conhecimento sistematizado, passa a ser responsabilizado pelo fato de desenvolver as habilidades sociais que tradicionalmente eram consideradas encargo das famílias, uma vez que para aquelas das classes populares, a escola é importante, dado seu caráter instrumental e, mais do que isso, de formador de sujeitos políticos. Assim, apesar de escolas e famílias continuarem a ser agências socializadora distintas, apresenta aspectos comuns e divergentes. Compartilham a tarefa de preparar os alunos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar.

3 RELAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA

Considerada professora das crianças, nos seus primeiros anos de vida, é na família que a criança aprende a língua, os símbolos e os significados na sua cultura. A família então se torna modelo de papel primário, contribuindo significativamente para aquisição das capacidades da criança. Na relação família e escola, elas só podem ser vistas como instituições cooperadoras e não concorrentes cada qual com a sua função, apesar de distintas em seus objetivos, metodologia de abordagem e. Como vimos anteriormente, a família é o primeiro e o mais influente campo de abrangência. Próximas, mas separadas e, por fim, integradas. Nenhuma pode, ou deve tomar o lugar da outra. E, partindo deste pressuposto que, a família tem uma função vital na vida e formação da criança, veremos então, a influência da família no processo de escolarização da criança, pois, foram muitos os autores que constataram a importância das relações escola/família para o sucesso escolar dos alunos.

3.1 Influência familiar eo desempenho escolar

A importância da influência da família na vida escolar dos filhos tem apresentado um papel importante no desempenho escolar dos alunos. Tornando assim, alvo de inúmeros estudos pesquisas, trabalhos e artigos que dão conta da retomada da presença da família na vida escolar de seus jovens e crianças, mostrando que essa participação é positiva quando existe firmeza quanto aos propósitos e valores morais, apoio mútuo e sentido de continuidade. Assim, de acordo com Pedroso (20004) apesar de escolas e famílias continuarem a ser agências socializadora diferentes, apresenta aspectos comuns e



divergentes. Compartilham a tarefa de preparar os alunos para a vida cultural, social e econômica, mas se diferenciam nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar. Enquanto a escola tem pôr obrigação ensinar os conteúdos de áreas de saber, considerados como fundamentais para a instrução de novas gerações, às famílias cabe dar o acolhimento a seus filhos num ambiente estável, provedor, amoroso.

Se, por necessidade de sobrevivência, muitas famílias vêm deixando de perceber o papel da escola como agência transmissora de conhecimentos sistematizados e têm dado a ela a tarefa mais ampla de educar para a vida, a escola por sua vez, tem tido dificuldade em aceitar essas novas atribuições oriundas das mudanças sociais e familiares e de incorporar as novas demandas no desenvolvimento de seu trabalho, embora esse processo não seja tão recente.

Os estudos ainda têm apontado à influência das práticas familiares no processo de escolarização das crianças e adolescentes (CARVALHO, 1998, cit. por PEDROSO, 2004) nos faz pensar que essa interação entre famílias e escola, na procura de tratar de forma convergente as questões que envolvem ambas as agências socializadora, sugere ser possível à diminuição da zona de conflito vivenciada pelas crianças e adolescentes que frequentam esses dois ambientes culturais. Propostas voltadas para a superação dessa e de outras dificuldades de relacionamento entre escola e família, muito provavelmente se pautam em concepções de escola e de famílias e nas expectativas sobre os papéis dessas instituições na educação das crianças, o que geralmente orienta a natureza da relação a ser estabelecida.

Assim, a influência dos pais na escola pode estar voltada para os aspectos financeiros, organizacionais ou pedagógicos, dependendo das concepções que subsidiam as ações das escolas nessa direção, mas pode também ir além dessas atribuições. Desta forma, o envolvimento de pais na escola é, atualmente, considerado um componente importante e necessário para o sucesso do desenvolvimento das crianças. Segundo Cavalcante (1998) as famílias que estão envolvidas na escolaridade dos filhos desenvolvem uma atitude mais positiva com relação à escola e torna-se mais ativa na sua comunidade, melhorando seu relacionamento com os filhos. Envolver a família no processo de escolarização dos filhos pode significar, para a escola, que ela tenha que conhecer melhor os pais dos alunos e realizar um trabalho conjunto com eles para criar, entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem das



crianças nesses dois ambientes socializadores. Com este estreitamento dos laços família-escola, os professores podem passar a ter maiores informações a respeito de quem são os alunos, suas famílias, sua cultura, sua vida cotidiana, o que em última instância favorece a organização do trabalho a ser desenvolvido em benefício dos alunos e da comunidade. Pôr parte das famílias, relações mais estreitas com a escola podem ajudá-las a compreender melhor o trabalho por ela realizado, a se envolverem – na medida de suas possibilidades – no processo educacional dos filhos, trabalhando de forma consoante com as necessidades educativas da vida e da participação no mundo atual. No que tange ao rendimento escolar, (E.ORTH, 1971 cit. por PEDROSO, 2004) salienta o nível de relação família-criança, afirmando que, em geral, a um melhor ambiente familiar corresponde melhor êxito escolar e vice-versa, formando-se um círculo vicioso, pois o êxito da criança é o êxito dos pais; ao contrário, o insucesso constitui também um fracasso para os pais.

O ponto essencial para um sucesso escolar não está na escola nem na família, no professor ou no aluno, mas sim nas relações que entre estes existem:

A investigação confirma que a aprendizagem depende inteiramente de dois fatores: motivação do aluno e bom ensino. Tanto uma como o outro são produtos de uma relação: aquilo a que (Seeley, 1985), chama: A relação produtiva de aprendizagem entre professor e o aluno, entre a escola e a família. (VILLASBOAS, 1988, cit. por PEDROSO, 2004, p. 97).

O fato dos pais envolverem-se na educação dos filhos é um tópico que ganha cada vez maior importância. A influência parental desempenha um papel preponderante tanto no desenvolvimento cognitivo da criança como no aproveitamento. Mesmo os pais com um menor nível cultural podem ser estimulados nessa tarefa e orientados sobre o modo de a exercerem. A família e a escola são elementos que mediam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Não podemos pensar nesse processo de ensino-aprendizagem, como um processo abstrato, descontextualizado, mas sim, como um processo mediador. A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada. Assim poderemos refletir sobre a educação e o processo de mediação.

3.2 A educação e o processo de mediação

O desenvolvimento humano, o aprendizado e as relações entre desenvolvimento e aprendizado são temas centrais nos trabalhos de Vygotsky. Sua preocupação com o



desenvolvimento do homem está presente em toda sua obra. Vygotsky busca compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ao longo da história da espécie humana e da história individual. De acordo com Vigostsky, (1994) a importância dos processos de aprendizado desde o nascimento da criança está relacionado ao desenvolvimento e é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. Para compreendermos as concepções sobre o funcionamento psicológico temos o conceito de mediação, que, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação: a relação deixa, então de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. A presença de elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-as mais complexas. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo as relações mediadas passam a predominar sobre as relações diretas.

A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, uma relação mediada. As funções psicológicas superiores apresentam uma estrutura tal que entre o homem e o mundo real existem mediadores, ferramentas auxiliares da atividade humana. (VYGOSTSKY, 1994, p. 74)

Na perspectiva de Vygotsky (1994), existem dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos. Instrumentos (ferramentas): toda a atividade social é condicionada pelos aspectos materiais, o trabalho em especial desempenha um papel fundamental. Signos: a invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento de trabalho. No pensamento de Freire (2002, p. 68), “a relação sujeito-sujeito e sujeito-mundo são indissociáveis”. Como ele mesmo afirma “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Vygotsky afirma que construir conhecimento resulta de uma ação partilhada, que implica num processo de mediação entre sujeitos. Nessa perspectiva, a interação social é condição indispensável para a aprendizagem. A heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo, a cooperação e a informação, ampliando consequentemente as capacidades individuais. As relações sociais se convergem em funções mentais. Em relação ao processo de formação da mente humana, Vygotsky (1994), evidencia o processo de internalização, que consiste em várias transformações.



Assim, a partir da mediação do outro ocorre o desenvolvimento dos níveis superiores da mente. Através da mediação a criança se apropria dos modos de comportamento e da cultura, representativos da história da humanidade. A aprendizagem escolar tem, pois papel importante e decisivo na conscientização da criança dos seus próprios processos mentais.

A criança se utiliza dessa aprendizagem adquirida no dia a dia (os conceitos espontâneos) sem estar consciente deles, pois sua atenção está centrada no objeto a qual o conceito se refere e nunca no próprio ato do pensamento. Essa consciência, a capacidade de defini-los por meio de palavras, de operar, só é adquirida mais tarde, com a aquisição de conceitos científicos que ocorre na escola. (LOPES, s/d)

De acordo com Pino (1991) a consciência reflexiva chega à criança através dos conhecimentos científicos e depois se transfere aos conceitos cotidianos. Os processos de formação dos conceitos espontâneos e dos conceitos científicos se relacionam e se influenciam constantemente, fazendo parte de um único processo: o desenvolvimento da formação de conceitos. Enfim, a mediação permite explicar os processos de internalização e as relações sociais. É um processo que funciona como operar na articulação dos diferentes componentes de um sistema, como é o caso das relações sociais e o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem. Num sentido amplo, mediação é toda a intervenção de um terceiro elemento que possibilita a interação entre os termos de uma relação.

Sendo assim, poderemos entender a relação da família e da escola como elementos que vão mediar o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, tanto a escola como o relacionamento familiar são fatores fundamentais para o desenvolvimento individual. A mediação entre a criança e o mundo, a inserção dela no universo coletivo, entre ela e o conhecimento, sua adaptação ao ambiente escolar, o relacionamento com os professores, com a escola, a convivência com os colegas, são fatores decisivos para o seu desenvolvimento social.

3.3 A emoção como meio de mediação na aprendizagem

A aprendizagem vai acontecendo à medida que a criança constrói uma série de significados que são resultados das interações que ela faz e continua fazendo em seu contexto sócio afetivo. Dessa forma, “toda a aprendizagem é resultado da parceria



essencial entre família e escola que produzem movimentos favoráveis ou desfavoráveis em termos do desenvolvimento de crianças e adolescentes” (PAROLIN, 2005, p.81). A natureza do aprendiz, suas especificidades e o campo sócio afetivo; a natureza dos conteúdos e o grau de interesse que suscita; o momento histórico; o nível de complexidade da tarefa, assim como, o investimento que o aprendiz faz em prol dessa aprendizagem. O conjunto das possibilidades pessoais desenvolvidas transforma-se em estímulos e energias em favor de bons resultados na relação entre aprender e sentir prazer em aprender.

A afetividade e a emoção sempre estiveram ligadas à educação, intuitivamente, professores, pais e educadores percebem, no dia a dia, a importância dos laços afetivos no processo de educação. Também no campo científico, muitas pesquisas caminham na direção de entender de que forma a emoção se relaciona com a educação. O Psicoterapeuta infantil Henri Wallon, um educador e médico, que viveu de 1789 a 1962, deixaram uma enorme contribuição neste sentido, e que hoje está sendo redescoberta pelos educadores. Wallon (1975) atribuiu à educação – que como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva – um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano.

A Teoria das Emoções é de grande importância na obra de Wallon. O autor ressalta que a emoção é a exteriorização da afetividade, um fato fisiológico nos seus componentes humorais e motores e, ao mesmo tempo, um comportamento social na sua função de adaptação do ser humano ao seu meio. O autor ainda aponta para a estreita relação entre emoção, linguagem e pensamento, o que torna impossível seu estudo isolado, pois, desde muito cedo na vida do indivíduo, a sociedade, por meio da linguagem, integra-se no todo que o constitui. Wallon (1975) considera o desenvolvimento da pessoa completa integrada ao meio que está imersa, com os seus aspectos afetivo, cognitivo e motores integrados. O conceito de meio é fundamental na teoria Wallon, nela, a pessoa constitui-se a integração de seu organismo com o meio, estando o social sobreposto ao natural. As atitudes das pessoas são consideradas complementares as do meio, tanto quanto determinadas pelas suas disposições individuais e pelo papel e lugar que ocupa no grupo social. Portanto, a pessoa deve ser vista integrada ao meio do qual é parte constitutiva e no qual, ao mesmo tempo, se constitui.

Sem dúvida que o papel e o lugar que aí ocupa (a criança) são em parte determinados pelas suas próprias disposições, mas a existência do grupo e as suas exigências não se impõem menos à sua conduta. Na natureza do grupo, se



os elementos mudam, as suas relações mudam também. (WALLON, 1975, p. 20).

Estudando Wallon, podemos perceber que, não há porque se fazer confusão entre emoção e sentimento. A emoção é a própria expressão da afetividade, sendo a manifestação de um estado subjetivo com componentes fortemente orgânicos, revelando uns estados fisiológico efêmeros. Já o sentimento, é psicológico, duradouro e ideativo, é mais um tipo de reação afetiva. A cólera é um exemplo de emoção e o ódio é um tipo de sentimento. O autor buscou diferenciar os termos emoção, sentimento e afetividade. Em seu primeiro momento, a afetividade reduz-se praticamente às suas manifestações somáticas, às emoções. Somente ao longo do desenvolvimento é que a inteligência vai construindo a função simbólica e a comunicação se beneficia, alargando o seu raio de ação. Mas não há como separar as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico. Para Sadalla (2004), o prazer em aprender é fundamental para o processo ensino-aprendizagem. As interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todas as suas dimensões. Segundo Alves (1993), o prazer disciplina: indisciplinados são os que não têm paixão por coisa alguma. Sabendo disso, a escola e a família devem reconhecer a criança como alguém singular, contemplando em sua individualidade, estabelecendo um campo emocional que favoreça a manifestação desse Ser e viabilizar uma ação que contemple o aprendiz em sua totalidade e plenitude.

Portanto, a aprendizagem somente acontece em um contexto sócio afetivo e educativo, num clima emocional entre pessoas comprometidas entre si e com o conhecimento, numa perspectiva de buscar instrumentos e meios necessários para o viver e conviver.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Família e escola lutam por um mesmo ideal, o de tornar seus filhos e alunos cidadãos éticos, felizes, autônomos e competentes, recebendo uma educação integrada. Crianças saudáveis num todo, significa um país com um futuro garantido. Diante de um dos grandes desafios da sociedade moderna que é a educação, percebemos que a própria sociedade não se encontra suficientemente informada sobre como e o que reivindicar para a educação dos filhos. Não estão também devidamente equipados para lutar por uma educação de qualidade e que faça a diferença social que eles almejam para os filhos.



Diante disso, o envolvimento da família na escola passa a ser também, para nós brasileiros, uma medida social, psicológica e educativa que informa, articula e estimula a participação (consciente e proposital) integrada das esferas escola-família. O envolvimento da família, junto a uma equipe multidisciplinar é considerado como um componente essencial de uma escola que desempenha seu trabalho com sucesso. Portanto, para uma instituição de educação tornar-se bem sucedida é necessário por em mesmo grau de importância o envolvimento da família, o currículo, os processos de instrução e aquisição de conhecimento, avaliação e aspectos sociais. Além disso, a comunicação e um relacionamento frequente entre as pessoas envolvidas também influenciam o sucesso da escola, que está conseqüentemente refletido no sucesso das crianças que ela atende. Precisamos avançar sobre este tema tanto do ponto de vista da Educação, como da Psicologia e ainda áreas afins, para que possamos entender como esta relação se processa nas diversas instituições escolares, nos diversos níveis de escolaridade, para que possamos criar e implementar estratégias que venham auxiliar não só o relacionamento entre família e equipe escolar, mas principalmente sejamos capazes de criar ambientes que sejam estimuladores, desafiadores para as nossas crianças. Portanto faz-se necessário uma relação de intervenção na própria instituição escolar, e buscar uma proposta de aproximação dela com a família, para planejar e estabelecer compromissos e acordos mínimos, que levem ao fim do bloqueio criado nesta situação. A relação escola-família prevê o respeito mútuo, o que significa tornar paralelos os papéis de família e professores, para que os pais garantam as possibilidades de exporem suas opiniões, ouvirem os professores sem receio de serem avaliados, criticados, trocarem pontos de vista. Tal parceria implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas enquanto troca de favores, mas na cooperação, em sentido ação conjunta, permitindo as escolhas, os desejos, o desenvolvimento moral como construção dos próprios sujeitos, um trabalho constante com estruturas lógicas e as relações de confiança.

Portanto, entendemos que essa interação família-escola será instrumento de mediação no processo de escolarização da criança. Sabendo que, os educando que estão motivados pela aprendizagem, são aqueles que conseguem encontrar um sentido naquilo que aprendem, descobrem o prazer em pesquisar, empenham-se em profundidade nos estudos, questionam e comprovam todos os seus conhecimentos. Em suma, este trabalho nos mostra a importância da participação e integração da família com a escola. No âmbito



escolar, é preciso buscar o envolvimento da família na aprendizagem dos seus filhos, valorizando e orientando os pais no sentido de incentivar a relação com a escola e todos que fazem parte deste ambiente. Desse modo, os resultados deste estudo indicam a necessidade de fomentar a interação escola e família para o benefício do desempenho escolar dos seus filhos. Família e escola são os maiores responsáveis na formação da identidade, no desenvolvimento e nos projetos de vida dos alunos. Quanto maior as relações entre essas duas instituições, maiores serão os ganhos em termos de conhecimentos, amadurecimento, confiança e desenvolvimento da consciência cidadã.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.R.S. (1999). A emoção na sala de aula. Campinas: Papyrus, 1999.
- BHERING, Eliana. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. Santa Catarina: Núcleo de Pesquisa em Psicologia, 2002.
- BHERING, E., Von Oudenhoven, N., Wazir, R. Acesso à Educação Infantil: uma estratégia para promover a integração social. Santa Catarina: Revista Alcance, II, (02), p. 11-18. 2000.
- BRASIL, Art. 205. Constituição Federal. Capítulo III. Seção I. Da Educação, da Cultura e do Desporto. 1998. Disponível em: <http://www.senado2.gov.br/sf/legislacao/const>. Acesso em 23 de Ago 2006.
- BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, julho de 1990.
- BRASIL, Plano Nacional de Educação PNE. Aprovado pela Lei nº. 10172/2001 Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9424, dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/dados.asp>. Acesso em 06 Ago 2006.
- CAVALCANTE, R.C. Colaboração entre Pais e Escola: educação abrangente. Psicologia Escolar e Educacional, São Paulo: ABRAPEE, 1998.
- FERNÁNDEZ, Alícia. A inteligência aprisionada, abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- _____. Pedagogia do oprimido. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREITAS, Claudia G; MACIEL, Cristiane M. C e POLIZÉR, Joseane M. X. A participação da família na escola. Monografia de Especialização Lato Sensu Gestão em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS, 2006.



GOMES, Manuela Benvinda Viera. Reflexão sobre as relações entre a educação familiar e a educação escolar. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 2000.

MARTINS, Vicente. O papel Educador do Estado e da família. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=593>> Acesso em 24. nov.2006. Psicopedagogia on-line, 2004.

MINUCHIN, Salvador. Famílias: Funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

PAROLIN, Isabel. Da família para a escola. A construção do cidadão. Revista Aprender Virtual. Psicopedagogia. s/ local. 2002. Disponível em <<http://www.aprendervirtual.com.br>> acessado em: 10/05/2005.

_____. Professores formadores: a relação entre a família, à escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005.

PEDROSO, Iolanda F. A. A ausência da família na escola. Cuiabá: Faculdade Afirmativo, 2004.

SADALLA, Ana M. F. Contribuições da afetividade para a educação. São Paulo: Robe, 2004.

SILVEIRA, Maria da Conceição. A Comparação Semântica como Estratégia Discursiva na Ars Amatoria, de Ovídio. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas apresentada. Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas/arsamatoria.pdf>>. Acesso em 22 ago. 2006.

SZYMANSKI, H.. Encontros e Desencontros na Relação Família-Escola. São Paulo: EDUC, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, Henri. Do Ato ao Pensamento. Lisboa: Moraes, 1979.

_____. Psicologia e Educação da Infância. Lisboa: Estampa. 1975.